Diário de bordo

Sinais de alarme



Roberto Rodrigues*

A ATIVIDADE rural produtiva no Brasil tem crescido espetacularmente nos últimos vinte anos, sobretudo em função dos avanços tecnológicos e de algumas políticas públicas, como o Moderfrota, que modernizou a mecanização agrícola.

Os saltos de produtividade permitiram a preservação de cerrados e florestas. De 1992 pra cá, a área plantada com grãos cresceu 40% e a produção, 220%, o que poupou 66 milhões de hectares!

Novas técnicas garantem a sustentabilidade da produção agrícola.

Mas, infelizmente, outros temas reduzem esse benefício.

O primeiro é o aumento dos gastos com agroquímicos. Devido à forte intensificação da atividade, novas pragas foram surgindo nas principais culturas, ou pragas antigas, antes secundárias, ficaram mais importantes do que há dez ou doze anos. Esse desequilíbrio aumentou as pulverizações, muitas vezes por ciclo, o que, além de aumentar os custos de produção, reduz as vantagens dos ganhos com produtividade. A demanda global por grãos vem suportando os aumentos dos custos de produção, mas, em algum momento, a oferta acabará igualando-se à demanda ou até a superando, os estoques crescerão e os preços cairão. E, então, sem renda, é claro que a produção cairá.

É tempo de desenvolvermos novos caminhos para o controle de plantas daninhas, pragas e doenças das plantas cultivadas. Está passando da hora de cuidarmos de tecnologias articuladas, em que o pacote contenha transgenia, cultivo de grãos convencionais, plantio direto, controle biológico, controle cultural e outras ferramentas de manejo.

E tem mais: a agricultura é a última indústria a se concentrar. A globalização já determinou a concentração de quase todos os demais setores: fertilizantes, defensivos, sementes, máquinas e equipamentos; mas não só no agronegócio. Também bancos, indústria automotiva, supermercados, colégios, farmácias, hotelaria, indústria de alimentos: em todos os setores da economia, há concentração, redes, tudo em busca de escala para reduzir custos fixos e gestão.

Na verdade, já há em andamento uma concentração também no campo, e existem muitas fazendas com mais de 10 mil hectares no País. Essa história é tão impressionante que as *tradings* já não chamam de "grandes" os produtores com mais de 50 mil hectares: são os novos "megaprodutores" – até para não "humilhar" os menores do que isso.

O que está por trás desse fenômeno? São novos fundos de investimento e de *private equity*, que, operando poupanças de pessoas físicas do mundo todo, investem no agro pelo fundamento da desiquilibrada relação oferta/demanda.

O limite disso é a capacidade de gestão.

Qual é a escala adequada para a atividade rural que permita gestão eficiente? Com operações agrícolas de mais de 50 milhões de reais de faturamento ao ano, hoje, há uma boa diluição dos custos de *overheads* e fixos.

Ora, como ficam os pequenos? Estes têm menor custo de trabalho, mas ficam marginalizados nos avanços tecnológicos. Só competirão se tiverem políticas públicas específicas e protecionistas e – principalmente – ganhando escala por meio de suas cooperativas e/ou operando em nichos.

Nesse caso, o grande problema cai no colo dos médios produtores, que nem têm escala para conseguir gestão competente, nem sobrevivem sem isso. E, infelizmente, as pressões ambientais, trabalhistas, creditícias, fiscais, logísticas, cambiais, TI e de outras naturezas acabam empurrando este pessoal para fora do setor, aumentando a concentração. Um mega ou grande produtor pode contratar especialistas em cada área para se proteger. O médio dificilmente cumpre isso.

Aliás, há quinze anos, uma plantadeira de grãos tinha onze linhas. Hoje, tem cinquenta linhas, exigindo máquinas mais potentes e mais caras.

E já existe tecnologia nos EUA para um operador tocar cinco outras máquinas além da sua.

O espaço do médio fica comprometido. E os pequenos sofrerão muito.

São desafios que temos que enfrentar desde já. Os avanços são muito rápidos e podem atropelar a agropecuária. Esse problema é de todos os países tropicais. ■

*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo